

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
DEPARTAMENTO DE LETRAS DE ITABAIANA
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS

MÁRCIA CRISTINA DO NASCIMENTO SANTOS OLIVEIRA

**ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS PRESENTES NO DISCURSO POLÍTICO DO
EX-GOVERNADOR MARCELO DÉDA: UMA ANÁLISE RETÓRICA**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Itabaiana (SE)

2016

MÁRCIA CRISTINA DO NASCIMENTO SANTOS OLIVEIRA

**ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS PRESENTES NO DISCURSO POLÍTICO DO
EX-GOVERNADOR MARCELO DÉDA: UMA ANÁLISE RETÓRICA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de
Letras de Itabaiana como requisito
parcial à obtenção do título de
graduada em Letras Português.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª Márcia Regina Curado Pereira Mariano

Itabaiana (SE)

2016

MÁRCIA CRISTINA DO NASCIMENTO SANTOS OLIVEIRA

**ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS PRESENTES NO DISCURSO POLÍTICO DO
EX-GOVERNADOR MARCELO DÉDA: UMA ANÁLISE RETÓRICA**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pelo Departamento de Letras de Itabaiana da
Universidade Federal de Sergipe em de de .

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. Dr.^a. Jeane de Cássia Nascimento Santos
Universidade Federal de Sergipe

Profa. Dr.^a. Márcia Regina Curado Pereira Mariano
Universidade Federal de Sergipe

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
1. RETÓRICA E DISCURSO POLÍTICO: CONCEITOS E REFLEXÕES	8
2. METODOLOGIA	12
3. O DISCURSO DE DÉDA EM FOCO: CONCEITOS E ANÁLISE	13
3.1 Argumentos universais e particulares – a adequação ao auditório em busca da persuasão	18
3.2 Figuras de argumentação e retórica como estratégias persuasivas.....	26
CONCLUSÃO.....	34
REFERÊNCIAS:	37

OLIVEIRA, Márcia Cristina do Nascimento Santos. **Estratégias argumentativas presentes no discurso político do ex-governador Marcelo Déda: uma análise retórica.** Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Letras Português. Departamento de Letras de Itabaiana. Universidade Federal de Sergipe, 2015.

RESUMO

A retórica para Aristóteles “é um *corpus* com determinado objeto e um método verificativo dos passos seguidos para se produzir a persuasão” (CITELLI, 1997, p. 10). Tomando como base a definição de Aristóteles, este trabalho tem a intenção de analisar a maneira como o ex governador Marcelo Déda utiliza-se das estratégias argumentativas para conseguir obter a eficácia em seu discurso. Para tanto, avaliaremos o modo como esses argumentos estão empregados em meio ao discurso com o intento de alcançar o efeito esperado: a persuasão, que representa a adesão de um outro a uma determinada linha de raciocínio, neste caso, o orador busca persuadir seus eleitores de que fizeram a escolha certa e de que ele será um bom governador. Para a construção deste trabalho, tomamos como base Aristóteles e outros teóricos centrados nos estudos da retórica e da argumentação de base aristotélica, entre eles estão: Adilson Citteli (1997), Luiz Antônio Ferreira (2010), Perelman e Tyteca (2005), Ponzio (2008), Lineide Mosca (2004), e Olivier Reboul (2004). Para examinar a eficácia do discurso de Déda, analisamos recortes de seu discurso em que podemos observar alguns argumentos utilizados por ele, como o argumento da justiça e o argumento de autoridade, dentre outros. Ainda nos trechos analisados, foi possível observar que Marcelo Déda procurava manter uma relação de confiabilidade com seu público, uma vez que demonstrava estar não somente ciente dos problemas e das necessidades do povo sergipano, como também preocupado em resolver esses problemas e interessado em dar continuidade aos seus trabalhos em benefício da sociedade sergipana.

Palavras-chave: Retórica; Argumentação; Discurso; Persuasão; Política.

INTRODUÇÃO

Tendo em vista as estratégias argumentativas utilizadas pelos políticos em seus discursos, este trabalho visa avaliar o modo como a relação entre orador e auditório é construída dentro do discurso de posse, de 2011, por Marcelo Déda, reeleito governador do estado de Sergipe. Além disso, também será analisada a forma como os argumentos estão dispostos dentro do discurso para conseguir obter o efeito esperado: persuadir aqueles que nele votaram para que tenham certeza de que fizeram a escolha certa e de que ele cumprirá bem seu papel como governador. Para isso, trabalharemos com alguns teóricos centrados nos estudos da retórica e da argumentação de base aristotélica, são eles: Adilson Citteli (1997), Luiz Antônio Ferreira (2010), Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), Lineide Mosca (2004) Rui Grácio (2013) e Reboul Olivier (2004). Além desses também trabalharemos com autores que têm seus estudos focados no discurso, como José Luiz Fiorin.

Marcelo Déda era um político ligado ao PT (Partido dos Trabalhadores), bastante estimado pela população sergipana. Sua morte, em 2013, causou grande comoção nos cidadãos sergipanos. Déda era formado em Direito pela Universidade Federal de Sergipe e possuía uma posição social estabilizada, fato que não o impediu de conquistar o apreço e o carinho dos cidadãos sergipanos. Teve a oportunidade de ter sido eleito prefeito, deputado federal, estadual, e reeleito governador do Estado. A escolha de trabalhar com o discurso de posse do ex-governador vem do interesse em analisar os discursos de políticos da região de Sergipe. E a opção por Marcelo Déda aconteceu devido à repercussão e a grande comoção causada pelo impacto de sua morte nos cidadãos sergipanos. Esse fato despertou o interesse em pesquisar a relação que Marcelo Déda estabelecia com o público, e para isso optamos por fazer uma análise de seu discurso de posse proferido em 2011.

Sendo assim, este trabalho justifica-se pelo interesse em adentrar em questões que envolvem o cenário político, uma vez que se trata de uma área de grande repercussão no âmbito mundial, tendo em vista que os temas envolvidos dizem respeito ao bem-estar do cidadão em geral. Em vista disso, é de interesse de todos que se preocupam com o futuro de seu país estar ciente das questões que fazem parte do cenário político como um todo. O voto

democrático exige cautela e muita responsabilidade do cidadão e, por isso, este deve ter consciência da importância que seu voto terá na urna, pois não é apenas o seu futuro que estará em jogo, mas o futuro de seu país. Portanto, exercer a cidadania pelo voto exige grande reflexão, visto que em época de eleição todos os políticos compartilharão do mesmo interesse, ganhar a eleição, e por isso farão de tudo para serem ouvidos e acreditados, mas nem sempre cumprirão suas promessas. Alguns políticos proferem tão bem seus argumentos que é como se, na hora da eleição e depois dela, houvessem feito uma lavagem cerebral nos eleitores. E é justamente esse ponto que pretendemos destacar, ou seja, as estratégias utilizadas por eles para conquistar a confiança e a credibilidade do povo. E assim justifica-se não só nossa escolha pelo discurso político, como também pela abordagem retórica.

É importante ressaltar que o interesse em produzir esse estudo também resulta da experiência como voluntária de Iniciação à Extensão na área da Argumentação e Retórica, fazendo parte do Projeto de Iniciação à Extensão, intitulado: *Análise de textos persuasivos*, no ano de 2014, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Márcia Regina Curado Pereira Mariano do DLI-UFS.

Partindo para reflexões teóricas iniciais, vemos que, de acordo com Ferreira (2010), agimos retoricamente quando usamos da palavra para levar o outro a aderir a nossa linha de raciocínio, ou seja, quando conseguimos fazer com que o auditório concorde com a posição que tomamos diante de determinada questão. Uma das formas de se alcançar essa adesão é por meio da argumentação, que é definida por Perelman e Tyteca (2005) como o modo de influenciar o outro por meio do discurso. Para tanto, faz-se necessário o uso de argumentos que despertem o interesse daquele a quem se dirige, já que, “Para que uma argumentação se desenvolva, é preciso de fato, que aqueles a quem ela se destina lhe prestem alguma atenção” (PERELMAN e TYTECA, 2005, p. 20).

Deste modo, convencer ou persuadir¹ o outro de que as ideias expostas pelo orador são verdadeiras e, portanto, devem ser aprovadas, é tarefa do discurso retórico, pois é através dele

¹ Convencer, nesse caso, como sinônimo de persuadir, tendo em vista que ambos os termos são utilizados, por alguns autores, com o significado de provocar a adesão no interlocutor, mesmo que de formas peculiares.

que se chega à persuasão (CITELLI, 1997). Olhando para as origens da Retórica, vê-se ainda que ela esteve sempre relacionada às controvérsias, às polêmicas e aos diferentes pontos de vista (MOSCA, 2004), sendo assim, temos que o discurso político encaixa-se perfeitamente nos estudos retóricos, já que tem claramente a intenção de influenciar, conduzir o público, nesse caso os eleitores, a aprovarem o que está sendo postulado pelo candidato ou pelo sujeito que ocupa uma cadeira no poder. Para isso, os políticos utilizam-se de mecanismos retórico-argumentativos, com a intenção de alcançar essa adesão dos eleitores.

Tem-se assim que “O aspecto retórico deixa de lado a questão da verdade para apreender a linguagem como discurso produtor de efeitos capazes de intervir na realidade” (FERREIRA, 2010, p. 56). Em outras palavras, não precisa, necessariamente, que seja dita a verdade no discurso retórico para que se obtenha êxito, basta que aquilo que está sendo dito seja visto como verdade. No caso dos argumentos articulados por Déda, em seus discursos em campanha, podem ter sido classificados, pelo público, como sendo confiáveis, mesmo porque, se os eleitores não tivessem acreditado que suas promessas iriam ser cumpridas, ele não teria ganhado a eleição.

Diante disso, o primeiro passo da nossa análise será uma abordagem geral de aspectos que envolvem o evento discursivo. Em um segundo momento, atentaremos em avaliar o modo como Déda emprega seus argumentos com o sentido de provocar a adesão. Posteriormente, serão analisadas algumas figuras de retórica, de acordo com a tipologia de Perelman e Tyteca, presentes no discurso. E por fim será apresentada a conclusão a que chegamos de todo o trabalho.

Através desta pesquisa esperamos contribuir a favor de um olhar mais crítico da sociedade em relação aos discursos proferidos pelos políticos, pois eles farão uso das mais variadas técnicas para tentar convencer os eleitores quanto à veracidade dos seus argumentos, seja por meio da imagem que é passada “de bom moço” seja pelos argumentos que são compartilhados e defendidos pela maioria das pessoas. O fato é que o cidadão deve estar ciente dos meios utilizados pelos políticos para alcançarem seus objetivos, para que possa fazer boas escolhas.

1. RETÓRICA E DISCURSO POLÍTICO: CONCEITOS E REFLEXÕES

A retórica age em meio aos discursos, os quais são manifestados pelos textos quando estes tem a intenção de discutir o que é provável, incerto e dubitável, (MEYER, 2012, apud, FIORIN). De modo que “A retórica é, sem dúvida nenhuma, a disciplina que, na história do Ocidente, deu início aos estudos do discurso” (FIORIN, 2012, p. 51).

De acordo com Citelli (1997, p. 10) “[...] caberia à retórica não assumir uma atitude ética, dado que seu objetivo não é o de saber se algo é ou não verdadeiro, mas sim analítica- cabe a ela verificar quais os mecanismos utilizados para se fazer algo ganhar a dimensão de verdade”. Assim sendo, a retórica não poderia ser uma ética, uma vez que ela “[...] não entra no mérito daquilo que está sendo dito, mas, sim, no como aquilo que está sendo dito o é de modo eficiente” (CITELLI, 1997, p.11). Nesse viés, Mosca (2004, p. 20) aponta que

O ponto fundamental da doutrina aristotélica, no que toca a Retórica, reside em considerá-la do domínio dos conhecimentos prováveis e não das certezas e das evidências, as quais caberiam aos raciocínios científicos e lógicos.

Em outras palavras, a retórica centra-se no campo daquilo que é possível de acontecer, e não no âmbito das certezas, pois este diz respeito aos textos científicos, os quais podem ser comprovados por meio de provas lógicas. Nesse caso, não há o que confrontar, tendo em vista que os argumentos utilizados são baseados em fatos cientificamente provados. Por outro lado, quando esses argumentos são colocados em meio à defesa de uma tese ganham uma nova proporção, saem do âmbito daquilo que é preexistente, que tem sua existência própria e independente da construção discursiva, e passam a ser utilizados, propositadamente, como uma estratégia de adesão. Isto é, têm a função de reforçar aquilo que está sendo proposto pelo orador.

O discurso persuasivo tem em vista a mobilização de todos os recursos que configuram o sistema retórico para a obtenção dos efeitos de sentido esperados (MOSCA, 2004). Nessa perspectiva, pode-se afirmar que

(...) todo discurso é uma construção retórica, na medida em que procura

conduzir o seu destinatário na direção de uma determinada perspectiva do assunto, projetando-lhe o seu próprio ponto de vista, para o qual pretende obter adesão (MOSCA, 2004, p. 23).

Dessa forma, o raciocínio que tem em vista obter a adesão do interlocutor é apresentado com características que em nada lembram argumentos que se situam no campo da coerção (MOSCA, 2004, p. 185). Nesse sentido, cabe ao discurso persuasivo a multiplicidade dos argumentos, tendo em vista a necessidade dessa variedade para atingir o efeito esperado. Para tanto, é necessário que uma questão ao ser exposta gere contestação, isto é, leve em conta a possibilidade de no mínimo duas respostas contrárias, uma vez que será somente a partir de uma questão dessa natureza que os argumentos serão organizados para serem colocados em prática na defesa de um ponto de vista. Desse modo, temos que a argumentação só existe em decorrência de uma situação controversa (GRÁCIO, 2013, 41). Logo,

O falante organiza sua estratégia discursiva em função de um jogo de imagens: a imagem que ele faz do interlocutor, a que ele pensa que o interlocutor tem dele, a que ele deseja transmitir ao interlocutor etc. É em razão desse complexo jogo de imagens que o falante usa certos procedimentos argumentativos e não outros” (FIORIN, 2002, p. 18).

Além desse diálogo entre imagens na construção de um discurso, cabe lembrar que os discursos com os quais nos deparamos constantemente são concebidos a partir de outros discursos. Nesse sentido, Ponzio, retomando o conceito de dialogismo de Bakhtin, nos lembra que “(...) todo discurso é um discurso reproduzido, que recorre ao discurso alheio” (PONZIO, 2009, p. 101). Isto é, sempre que exercermos o ato de discursar tomamos como base algo que já foi dito, em outro momento, por outra pessoa, nesse sentido, não existe texto isolado ou original. Em se tratando de política, tem-se que os discursos acabam por retomar as ideologias dos partidos e os discursos de representantes desses partidos e dessas ideologias e colocá-los sempre em oposição de ideias àqueles que não compartilham dos mesmos valores, o que muitas vezes não traz nada de novo aos discursos que se atualizam e busca manter o poder nas mãos daqueles que já o possuem.

Fiorin define política como sendo algo que está diretamente ligado “[...] à conservação

do poder governamental” (FIORIN, 2013, p. 23). Em outras palavras, a política diz respeito a tudo que se refere ao universo do Estado. Ainda de acordo com Fiorin (2013) tem-se que, por meio da interação social, faz-se presente uma relação de poder que se estabelece entre orador e auditório. Em vista disso, “A análise do poder como processo consiste em analisar como a relação nasce e se estabelece através dos laços sociais interindividuais, o que nos remete também aos sistemas de valores e de representações sobre práticas” (EMEDIATO, 2008, p. 73). Logo, a noção de poder, intrínseca ao discurso político, está diretamente ligada ao processo correlacional, isto é, podemos considerar que ambas as partes têm o poder, tanto aquela que o exerce como aquela que é submetida a ele, uma vez que “todo manipulador é também um manipulado” (EMEDIATO, 2008, p. 75). Nesse viés, o poder deve ser entendido como algo que se faz presente em todo e qualquer tipo de relação social e comunicativa (EMEDIATO, 2008).

De acordo com Fiorin (2002), existe no discurso a área da manipulação consciente e o da determinação inconsciente. A manipulação consciente, segundo esse autor, diz respeito àquele falante que se utiliza de estratégias argumentativas, incluindo outros processos de sintaxe discursiva, com o objetivo de criar efeito de sentido real, a fim de convencer o auditório. Por outro lado, o campo das determinações inconscientes refere-se àqueles discursos que são propagados pelo homem, com base em discursos anteriores, os quais não se consegue chegar a quem os originou. Mas o fato de não poder lhes atribuir uma origem não impede que esses discursos sejam aceitos como verdades bem como compartilhados. Em vista disso, “(...) certos temas são recorrentes na maioria dos discursos: os homens são desiguais por natureza; na vida, vencem os mais fortes; dinheiro não traz felicidade etc.” (FIORIN, 2002, p. 19).

As ideias e os discursos estão atrelados à noção da vida real, sendo essa realidade representada pelos discursos. Nessa perspectiva, da manipulação inconsciente, “O discurso não é, pois, a expressão da consciência, mas a consciência é formada pelo conjunto dos discursos interiorizados pelo indivíduo ao longo de sua vida.” (FIORIN, 2002, p. 35). Em outras palavras, o ser humano se propõe a ver o mundo através dos discursos que são compartilhados, os quais, em geral, são refletidos em sua fala. Dessa maneira, sob esse ponto

de vista, “O indivíduo não pensa e não fala o que quer, mas o que a realidade impõe que ele pense e fale” (FIORIN, 2002, p. 41). Em síntese, tem-se a ideia de que a nenhum discurso pode ser manifestado o caráter de individualidade, tendo em vista que a constituição da consciência humana se faz por meio da assimilação dos discursos que são proferidos pela sociedade na qual o homem está inserido. Desse modo,

O enunciator é o suporte da ideologia, vale dizer, de discursos, que constituem a matéria-prima com que elabora seu discurso. Seu dizer é a reprodução inconsciente do dizer de seu grupo social. Não é livre para dizer, mas coagido a dizer o que o seu grupo diz (FIORIN, 2002, p. 42).

Nesse viés, como bem coloca Fiorin (2002), o discurso é associado à manipulação inconsciente, enquanto o texto refere-se à manipulação consciente, tendo em vista que neste tipo de manipulação o homem organiza os argumentos da melhor forma possível para proferir seu discurso. No referente ao discurso inconsciente, este diz respeito aos discursos que são repetidos, na maioria das vezes, inconscientemente. Assim sendo, “O texto é, pois, individual, enquanto o discurso é social” (FIORIN, 2002, p. 41). Logo,

Se um discurso cita outro discurso, ele não é um sistema fechado em si mesmo, mas é um lugar de *trocias enunciativas*, em que a história pode inscrever-se, uma vez que é um espaço conflitual e heterogêneo ou um espaço de reprodução (FIORIN, 2004, p. 45).

Em síntese, os discursos são criados a partir de outros antecedentes, por isso, eles não podem ser considerados uma criação única, pois têm sua essência repetida ao longo do tempo por gerações que o assimilam. Portanto, “Formas de dizer o discurso são aprendidas e estão de acordo com as tradições culturais de uma sociedade. Muitas pessoas buscaram, numa certa época, textualizar como Rui e Coelho Neto ou versejar como Bilac” (FIORIN, 2002, p. 42). No entanto, no texto, o sujeito pode trabalhar a sua linguagem de modo a driblar essas influências e buscar impor o seu ponto de vista a um interlocutor. Assim, a retórica associa-se à manipulação consciente, contudo o fato de se tratar de um sujeito ativo não impede que esse sujeito seja influenciado inconscientemente pelos discursos que circulam, como aqueles vistos nos discursos políticos, por exemplo.

2. METODOLOGIA

Para a elaboração do trabalho iniciamos por uma pesquisa bibliográfica, uma vez que, por meio dela adentramos em uma vasta área do conhecimento com teorias que favorecem o nosso estudo. Esta pesquisa está dentro da área da análise do discurso, em uma perspectiva retórica e neoretórica, e se define como uma pesquisa qualitativa, na medida em que se propõe analisar a eficácia de um discurso por meio da utilização de argumentos.

O discurso de Déda, aqui analisado, foi encontrado no site Agência Sergipe de Notícias. Trata-se de um discurso longo, com duração de uma hora e vinte minutos, proferido no dia 01 de Janeiro de 2011, na Assembleia Legislativa do Estado, em Aracaju. O discurso em análise já se encontrava transcrito, sendo assim não houve a necessidade de transcrevê-lo.

A análise utiliza-se de recortes destacados pela presença de argumentos. Os critérios utilizados para realizar as análises têm como foco os tipos de argumentos trazidos por Perelman e Tyteca (2005), as figuras de argumentação e retórica, e outros conceitos retóricos encontrados em Mosca (2004), Reboul (2004) e Ferreira (2010).

3. O DISCURSO DE DÉDA EM FOCO: CONCEITOS E ANÁLISE

O universo que diz respeito ao terreno discursivo é engendrado de vários campos, e dentro de cada campo existem espaços os quais são chamados de interdiscursos. Dessa forma, "É no interior de cada campo que se constitui um discurso, que se organiza em oposição a outro" (FIORIN, 2013, p. 21). No discurso proferido por Déda em sua posse, em 2011, percebemos que ele faz uso de um discurso de esquerda, socialista, voltado para a igualdade social, que se opõe ao discurso de direita, pois mesmo que ele não faça referência direta, essa oposição fica pressuposta, uma vez que o discurso com seus argumentos sempre se opõe a outro, com outros ideais. Vejamos abaixo teses que retomam os ideais defendidos pelo PT, partido ao qual pertence:

Continuo acreditando que o Governo deve ser de todos, jamais ficando refém de interesses oligárquicos; que a ética pública é um imperativo irrenunciável; que as ações governamentais devem priorizar os mais pobres; que não há crescimento legítimo sem justiça social; que o Estado de Sergipe é viável e que o seu povo tem o direito de construir uma vida melhor e dar um salto de qualidade em direção a um futuro de crescimento econômico e desenvolvimento social.

Hoje, como ontem, reafirmo as minhas credenciais de militante petista, socialista e democrata, compromissado com a luta do meu povo e incendiado pela mais nobre das idéias que já frequentaram o pensamento político da humanidade: a igualdade social. Por isso, continuarei a orientar o meu governo para as diretrizes estratégicas da inclusão social, da redução das desigualdades, da erradicação da miséria, da defesa do meio ambiente, da socialização do conhecimento e da universalização dos direitos e da cidadania.

Republicano por convicção, continuarei a defender o conceito de "coisa pública, visceralmente ligado à idéia de República e a combater o sentido de "cosa nostra" que alimentou políticas socialmente perversas e eticamente condenáveis. Permanecerei afirmando o caráter laico do estado, separando a esfera política dos dogmas religiosos e sustentando a liberdade de expressão, a liberdade religiosa e, inclusive, o direito daqueles que se afirmam ateus, agnósticos ou não seguem nenhuma religião. No seu discurso para este primeiro de janeiro, o papa Bento XVI, pontífice máximo da Igreja Católica, religião majoritária em nosso país e em nosso estado, afirma de forma incisiva: [Nenhuma pessoa] deveria encontrar obstáculos, se quisesse eventualmente aderir a outra religião ou não professar religião alguma.

Como podemos observar, nos trechos destacados, Déda reafirma as ideias presentes nas teses defendidas pelo PT, que tem em mente o socialismo como forma de organização social. Ele traz um discurso de tolerância, de democracia e igualdade. A menção à Igreja Católica e ao papa funciona como uma figura de comunhão e como um argumento de autoridade diante de um povo, segundo ele, majoritariamente católico. A defesa do estado laico e a referência à Igreja Católica, ao mesmo tempo, podem parecer contraditórias, mas é providencial, visto que muitos ainda veem perigo em ideologias pautadas nas ideias marxistas quando o assunto é religião.

Ao proferir um discurso o orador deve estabelecer uma relação de parceria com o auditório, caso o orador não consiga influenciar seu auditório ao ponto deste sentir-se à vontade, de nada terá adiantado seus argumentos. No discurso de posse de Déda, percebemos que se dá essa relação de parceria, vejamos abaixo,

A vitória mais uma vez no primeiro turno - a sétima na minha carreira política e a quarta para o executivo, contando as duas para prefeito da capital, ganha sem na primeira volta - é a prova inequívoca de que o

povo quer a continuidade, apoia o nosso programa e confia no seu governador. Mas, temos consciência de que não podemos dormir sobre os louros da vitória, nem minimizar os problemas que ainda resistem, cobrando soluções e encaminhamentos. Feliz de quem ouvindo a doce música da vitória é capaz de ler os recados que as urnas também lhe mandam.

Quero, mais uma vez, desta tribuna, agradecer ao generoso povo sergipano que me deu a honra de mais uma vez representá-lo à frente do governo do estado. Peço a Deus que me dê inteligência, saúde e coragem para honrar este mandato. Meu objetivo é o mesmo que me trouxe aqui há quatro anos: fazer de Sergipe um grande estado e da nossa gente um povo feliz.

Como vemos acima, Déda se dirige ao povo de Sergipe como alguém que se mantém próximo a eles, alguém em quem o povo confia, mostrando-se ciente dos problemas pelos quais vêm passando a sociedade e comprometendo-se a trabalhar em prol da felicidade do seu povo. Contudo, quando essa relação não se faz presente, o orador poderá ser acusado de não ter compartilhado dos mesmos valores que seu auditório, fato esse, que não geraria a adesão do público.

Os discursos, de acordo com Aristóteles, dividem-se em deliberativo, judiciário e laudatório. Como nosso trabalho é voltado para o discurso político, será dada maior ênfase ao gênero deliberativo, uma vez que é este que melhor relaciona-se a discursos dessa natureza. De acordo com Aristóteles (2015) o gênero deliberativo diz respeito a ações futuras, isto é, nesse tipo de discurso são debatidas questões que estão diretamente ligadas a fatos que estão por vir. Nesse sentido, o político utiliza-se de promessa que “[...] colabora para a construção de um locutor positivo e confiante na emergência de um ouvinte “crédulo”, de quem busca adesão, seja a si mesmo, seja a seu dizer” (CAETANO, 2013, p.133). No gênero deliberativo “(...) o orador coloca o auditório numa posição de assembleia que deve votar a favor ou contra

uma proposição e o orador posiciona-se como um conselheiro que delibera sobre o futuro [...]” (FERREIRA, 2010, p. 57). Abaixo veremos algumas passagens, retiradas do já citado discurso de posse de Déda, que comprovam essa relação entre um discurso político de posse e o gênero deliberativo da Retórica.

Neste mandato, a grande tarefa será, portanto, fazer funcionar plenamente o novo sistema, melhorando a qualidade do serviço, aperfeiçoando a gestão, viabilizando o FINANCIAMENTO do custeio. Vamos trabalhar duro para melhorar o acolhimento e o atendimento dos pacientes e abriremos um amplo diálogo com os nossos servidores, as entidades de classe, a sociedade sergipana e a oposição, se ela aceitar o debate.

Pretendo dar continuidade aos avanços já conquistados na segurança pública. Para isso, continuaremos investindo na sua atualização tecnológica, em armas e equipamentos. Nossa meta será reduzir fortemente os indicadores de violência, em especial aqueles referentes a homicídios. Vamos fazer concursos para ampliar o contingente da polícia civil e militar, fortalecer suas presenças no interior e INVESTIR na polícia técnica.

Como vemos acima, é um discurso que diz respeito a questões futuras, que inclui a participação da sociedade nas ações e nas decisões. O uso da primeira pessoa do plural, o nós, reforça essa ideia de trabalho em conjunto. Embora temos visto durante nossas leituras que “O deliberativo, dirigindo-se a um público mais móvel e menos culto, prefere argumentar pelo exemplo, que, aliás, permite conjecturar o futuro a partir dos fatos passados (...)” (REBOUL, 2004, p. 46), neste caso, não vemos muitos exemplos, a não ser quando, ao falar em violência, Déda cita os homicídios como preocupantes, garantindo que vai procurar reduzir os índices.

No entanto, como o discurso em análise trata-se de um discurso de posse, portanto

comemorativo, também podemos associá-lo ao gênero laudatório ou epidítico. No gênero laudatório, “(...) as questões se apresentam de forma inteiramente resolvidas: as respostas são expostas e o auditório apenas as aprecia e não as contesta, pois o problema exige apenas a tarefa de qualificá-la.” (FERREIRA, 2010, p. 58). Em outras palavras, trata-se de problemas que são apresentados juntamente com a solução, restando apenas ao auditório assistir ao resultado sem intervir. De modo geral, o discurso laudatório não aponta uma escolha, mas sim orienta escolhas futuras. Para Reboul (2004) significa dizer que, “(...) ele é essencialmente pedagógico” (REBOUL, 2004, p. 47). São aqueles discursos proferidos em comemorações, funerais, formaturas, etc. Abaixo veremos alguns exemplos, retirados do discurso Déda, aqui analisado, que podem ser associados ao gênero laudatório.

Quero, mais uma vez, desta tribuna, agradecer ao generoso povo sergipano que me deu a honra de mais uma vez representá-lo à frente do governo do estado. Peço a Deus que me dê inteligência, saúde e coragem para honrar este mandato. Meu objetivo é o mesmo que me trouxe aqui há quatro anos: fazer de Sergipe um grande estado e da nossa gente um povo feliz.

Aos meus familiares aqui presentes, agradeço o amor incondicional, a solidariedade ilimitada, o apoio ininterrupto, as orações cotidianas.

Aos integrantes do meu secretariado, servidores do estado e integrantes da minha administração, agradeço o empenho, o trabalho e a competência que emprestaram para o sucesso do nosso projeto. A esta augusta Casa, ao agradecer o apoio que tive no primeiro mandato, reitero o apelo pela continuidade desta parceria republicana, que se estriba nos princípios constitucionais que garantem a independência dos poderes, sem esquecer de cobrar-lhes a harmonia.

Ao Poder Judiciário endereço os meus agradecimentos pela relação institucional de altíssima qualidade que foi mantida ao longo destes anos. Tenho certeza que, ao lado do Tribunal de Contas e do Ministério Público, poderemos continuar atuando de forma colaborativa em prol do sucesso da democracia e pela eficiente prestação de serviços aos cidadãos.

Nas passagens em destaque, acima, Déda agradece a todos os que colaboraram para que ele conseguisse ser reeleito. Portanto, o laudatório “(...) louva ora um homem ou uma categoria de homens, como os mortos na guerra, ora uma cidade, ora seres lendários (...)” (REBOUL, 2004, p. 45).

Ainda de acordo com Reboul (2004), ao gênero judiciário cabe a função de acusar ou defender, o que não foi encontrado no discurso de Déda de forma explícita.

Nessa perspectiva, como foi dito acima, o discurso de posse, de 2011, de Marcelo Déda, poderá ser associado tanto ao gênero retórico *deliberativo* quanto ao gênero *laudatório*, por se tratar de um ato comemorativo em que estão sendo proferidas questões sobre o futuro. Sabe-se que é por meio das promessas que o político estabelece uma relação de confiança com seu eleitorado. Dessa maneira, política e público são termos que caminham lado a lado, tendo em vista que tudo o que se refere à política está dentro de uma esfera pública.

3.1 Argumentos universais e particulares – a adequação ao auditório em busca da persuasão

Ao tentar persuadir, o orador trabalhará tanto com o lado racional como com o emocional do auditório, para tanto deverá saber como lidar com ambos. Nessa perspectiva, toda argumentação necessita de que o orador disponha do consentimento de seu auditório, tendo em vista que “Propor resolver um problema pela linguagem pressupõe que esse problema interessa igualmente ao destinatário [...]” (EMEDIATO, 2008, p. 80). Ao enunciar, o orador está ciente de que não dispõe da verdade absoluta, tem a noção de que para obter a adesão do auditório é necessário fazer uso de argumentos válidos para o público, ao ponto

deste acreditar que aquilo que está sendo proferido por aquele trata-se da mais pura verdade ou que, não acreditando totalmente, aceite a negociação dos diferentes pontos de vista. De acordo com Perelman e Tyteca (2005, p. 18),

[...] querer convencer alguém implica sempre certa modéstia da parte de quem argumenta, o que ele diz não constitui uma “palavra do Evangelho”, ele não dispõe dessa autoridade que faz com que o que diz seja indiscutível e obtém imediatamente a convicção. Ele admite que deve persuadir, pensar nos argumentos que podem influenciar seu interlocutor, preocupar-se com ele, interessar-se por seu estado de espírito.

Dessa maneira, “A cada vez que se entra em uma situação de comunicação, se é forçado a interpretá-la e associá-la a normas de conformidade que atribuem valor a quem delas se aproxima e a quem a elas se submete” (EMEDIATO, 2008, p. 81).

Assim, temos que o auditório, dentro da retórica, é definido “[...] *como o conjunto daqueles que o orador quer influenciar com sua argumentação*” (PERELMAN e TYTECA, 2005, p. 22). Dessa maneira, faz-se necessário que haja interação entre orador e auditório e para tanto é indispensável que o orador disponha de um conhecimento prévio do público ao qual pretende expor seus argumentos. Essa atitude pode evitar constrangimentos futuros, como defender uma ideia que é negada terminantemente pelo auditório. De acordo com Perelman e Tyteca (2005), um juízo inadequado do auditório pode trazer situações inconvenientes ao orador. Portanto, para que o orador conquiste seu público, é indispensável que partilhe das mesmas ideias que ele, que esteja ciente dos conceitos e valores que fazem parte da cultura na qual o auditório está inserido. De maneira geral, o orador, para obter a adesão de seu auditório, tem de se afeiçoar a ele.

Nesse sentido, “(...) mais do que prever, o orador deve saber esperar e dar tempo ao tempo, porque depende da palavra do outro” (GRÁCIO, 2013, p. 23). Em suma, inicialmente, o que deve mover o orador são questões que o auditório possa considerar úteis, importantes, visto que “O importante, na argumentação, não é saber o que o próprio orador considera verdadeiro ou probatório, mas qual é o parecer daqueles a quem ele se dirige” (PERELMAN E TYTECA, 2005, p. 26- 27). Sendo assim o orador é conduzido pelo auditório e não inversamente.

Ao analisar o discurso de posse de Marcelo Déda, percebemos que os argumentos predominantes são de ordem particular, o que é habitual acontecer em um discurso dessa natureza, “[...] uma vez que o político que se dirige ao eleitorado se apresenta como um conhecedor dos problemas da unidade político-administrativa que pretende dirigir e da maneira de resolvê-los, tudo isso visando ao ‘bem do povo’” (FIORIN, 2013, p. 24). Todavia, de maneira menos enfática, também podemos identificar em discursos políticos argumentos de ordem universal. Este último é utilizado como forma de dispor maior credibilidade ao discurso, tendo em vista que tais argumentos estão dentro de uma lógica a qual integra o pensamento da maior parte da sociedade e que, por isso, dificilmente serão contestados.

Ao se preocupar apenas com a adesão do auditório particular, ocorre que o orador limita-se a defender argumentos que estão dentro de ideais os quais despertarão o interesse somente de determinado grupo, isto é, deixará de lado a filosofia mantida por grupos distintos, desse modo, corrobora com a possibilidade de ter seus argumentos rejeitados por pessoas que possuem crenças, valores e costumes diferentes daqueles que estão sendo postulados.

Sendo assim, se a intenção é obter o acordo do auditório em geral, é necessário que disponha de argumentos que sejam de interesse de toda a sociedade. Esses argumentos, por sua vez, serão classificados como universais, uma vez que versam sobre temas que são compartilhados por todos, independente da classe social ou da religião a que pertencem. Portanto,

Uma argumentação dirigida a um auditório universal deve convencer o leitor do caráter coercivo das razões fornecidas, de sua evidência, de sua validade intemporal e absoluta, independente das contingências locais ou históricas. (PERELMAN e TYTECA, 2005, p. 35).

Em outras palavras, os argumentos que visam o auditório universal são baseados em fatos julgados como verdades pela sociedade, uma vez que são imunes ao tempo e local em que são proferidos. A saber, trata-se de ideais disseminados por tanto tempo na cultura do homem que acabaram se transformando em “verdades”. Seu uso, no entanto, pode frustrar os auditórios particulares, já que não atendem as suas peculiaridades. De acordo Perelman e

Tyteca (2005), o auditório universal é constituído por cada qual a partir do que sabe de seus semelhantes.

Por outro lado, o auditório particular possui suas próprias crenças, as quais podem divergir daquelas defendidas por um ou outro grupo. Além disso, os valores são outros, pois este auditório tem em mente conceitos particulares que só interessam a uma parcela da população. Com efeito, os valores são colocados em evidência quando se pretende a adesão de grupos particulares. Em suma, compartilhar um mesmo valor é admitir que um grupo têm em mente os mesmos conceitos de verdade. No entanto deve-se considerar que esse ponto de vista não se impõe a todos. Logo, a ideia de valores, como elementos de acordo que permitem uma comunhão de modos particulares de agir, é atrelada à ideia de variedade dos grupos (PERELMAN e TYTECA, 2005). Em síntese,

[...] na argumentação, tudo o que se presume versar sobre o real se caracteriza por uma pretensão de validade para o auditório universal. Em contrapartida, o que versa sobre o preferível, o que nos determina as escolhas e não é conforme a uma realidade preexistente, será ligado a um ponto de vista determinado que só podemos identificar com o de um auditório particular, por mais amplo que seja. (PERELMAN e TYTECA, 2005, p. 74).

Contudo, os argumentos podem ser relativos, ou seja, algumas pessoas podem entendê-lo como sendo um fato, outras como sendo valor. Sendo assim temos que tanto os fatos e verdades podem ser considerados valores por algumas pessoas, como também os valores podem ser considerados fatos, por outras. Isto é, na medida em que a apreciação dos fatos e valores é vaga, o valor deixa de ser caracterizado como argumento particular e passa a ser inserido no âmbito universal. Ademais, na medida em que é preciso, apresenta-se como aspirações de alguns grupos particulares. (PERELMAN e TYTECA, 2005, p. 86)

Enfim, conclui-se que os argumentos que tratam de fatos ou verdades visam o auditório universal, já os que dispõem de teses que são defendidas apenas por grupos isolados, têm em mente o auditório particular. Logo, fatos são caracterizados como aquilo que é aceito por todos, já os argumentos particulares só são aceitos por parte da população, isto é, por grupos específicos.

Nessa perspectiva, observamos que os argumentos de Déda, e imaginamos que de

todos os políticos, ou pelo menos de sua maioria, priorizam as questões referentes aos problemas enfrentados pela sociedade inserida em determinada localidade, isto é, tem como foco o auditório particular. Nesse tipo de argumentação, é comum encontrarmos possíveis soluções para as dificuldades existentes em demarcado local, por isso tais argumentos são tão bem aceitos pelos eleitores. Podemos notar no trecho abaixo sublinhado, retirado do seu discurso de posse, de 2011, alguns desses argumentos,

Neste mandato, a grande tarefa será, portanto, fazer funcionar plenamente o novo sistema, melhorando a qualidade do serviço, aperfeiçoando a gestão, viabilizando o FINANCIAMENTO do custeio. Vamos trabalhar duro para melhorar o acolhimento e o atendimento dos pacientes e abriremos um amplo diálogo com os nossos servidores, as entidades de classe, a sociedade sergipana e a oposição, se ela aceitar o debate.

No trecho acima podemos observar que se fazem presentes tanto argumentos de *qualidade* quanto de *quantidade*. Tais argumentos são bastante utilizados por políticos, pois tendem a obedecer à demanda da população, tendo em vista que as necessidades decorrentes da sociedade estão, quase sempre, ligadas à qualidade do serviço público bem como à quantidade de órgãos suficientes para o atendimento. Podemos verificar logo no início do parágrafo um argumento de qualidade. Segundo Ferreira (2010), o argumento de qualidade “(...) consiste na afirmação de que algo se impõe sobre os demais de sua espécie por ter mais qualidade (...)” (FERREIRA, 2010, p. 71). Como podemos ver, acima, esses argumentos depreendem qualidade dos serviços prestados, que podem ser confirmados a partir dos termos *melhorando* e *aperfeiçoando*. Em seguida, nos deparamos com expressões, como *abriremos um amplo diálogo com os nossos servidores, as entidades de classe, a sociedade sergipana e a oposição, se ela aceitar o debate*, que reforçam os argumentos de quantidade, em relação à ampliação do diálogo e ao número de interlocutores que aparecem em uma sequência: *servidores, entidades de classe, sociedade, oposição*. Para Perelman e Tyteca (2005), os

argumentos de quantidade “(...) afirmam que alguma coisa é melhor do que outra por razões quantitativas” (PERELMAN E TYTECA, 2005, P. 97), então, o “mais diálogo com mais segmentos” no governo que se inicia, mostra-se, nesse discurso, melhor para a população. Além dos tipos de argumentos, interessa-nos também o uso das figuras de argumentação e retórica, como vemos abaixo, nas partes sublinhadas:

Aproveito este momento, para fazer um respeitoso convite à aguerrida oposição: vamos debater de forma profunda, sistêmica e programática a saúde do nosso estado. Façamos uma trégua cívica que nos permita discutir o tema sem abordagens apriorísticas nem radicalismos estéreis. Não tenho o monopólio das boas intenções. Não tenho compromisso com o erro. Estou aberto a receber sugestões e não sou imune a críticas. A única condição que imponho é que o debate se dê de forma democrática e respeitosa, sem fazer da dor alheia bandeira política, nem da morte estandarte eleitoral. Aliás, senhores deputados da ilustrada bancada da oposição, sobre este ou qualquer outro tema de interesse público esse será sempre o meu posicionamento, seguindo a lição de Néelson Mandela: "mesmo quando o choque entre nós tiver assumido a forma mais extrema, eu gostaria que combatêssemos de acordo com os nossos princípios e ideias e sem ódio pessoal para que, no final da batalha, qualquer que seja o resultado, eu possa apertar orgulhosamente a sua mão, por sentir que lutei contra um oponente correto e valoroso que observou o código de honra e decência.

Sei que a Saúde é um dos temas mais candentes da conjuntura, não apenas aqui, mas em todo o Brasil. Tenho consciência que nosso povo ainda não tem os serviços de saúde que merece e que é nossa responsabilidade provê-los. A saúde será a nossa prioridade número um.

No trecho em destaque acima, verificamos que para se dirigir ao auditório, que como sabemos trata-se de um auditório particular, Marcelo Déda tenta estabelecer uma comunhão. Inicialmente, vemos que ele se coloca como igual a todo mundo, sujeito a erros e críticas, mas aberto a diálogos. Esse ethos dito humilde e democrático busca a comunhão. Vemos ainda essa mesma figura por meio da citação, sabendo que as figuras de comunhão “oferecem um conjunto de caracteres referentes ao acordo, à comunhão com as hierarquias e valores do auditório” (FERREIRA, 2010, p. 127). Nesse viés, a citação em destaque é um recurso utilizado por Déda para reforçar os argumentos ditos logo acima. Dessa forma, ao citar Nelson Mandela, ex-presidente da África do Sul, Déda, também faz uso do argumento de autoridade, uma vez que se Nelson Mandela disse é porque é verdade. Desse modo, a citação possui papel importante em meio aos argumentos, visto que sua presença tem a intenção de fortalecer aquilo que está sendo proferido.

Já o tema saúde, trazido por Déda, poderia ser inserido no âmbito daquilo que é universal, afinal, é de interesse de todos ter acesso a uma saúde de qualidade, contudo, como bem coloca Perelman e Tyteca (2005), quando esses argumentos são particularizados-precisados- eles deixam o contexto universal e adentram no universo particular. Em vista disso, concluímos que os argumentos acima utilizados por Déda, estão no campo do particular, visto que é dada prioridade somente à saúde da população do estado de Sergipe. Tendo em vista que, assim como há uma hierarquia de valores, há também uma de demandas.

No desenrolar do seu discurso, Déda dá continuidade na utilização de argumentos que visam a solução de problemas enfrentados pelo povo sergipano. Além dos problemas relacionados à saúde, traz possíveis soluções para a área da segurança e da educação. Tais argumentos inserem-se no âmbito daquilo que é universal, mas, como dito anteriormente, em virtude do contexto no qual está introduzido, ganha cunho particular. Abaixo podemos ver outro trecho, nas partes sublinhadas, em que ele enfatiza esses argumentos, agora referentes à segurança.

Pretendo dar continuidade aos avanços já conquistados na segurança pública. Para isso, continuaremos investindo na sua atualização tecnológica, em armas e equipamentos. Nossa meta será reduzir fortemente os indicadores de violência, em especial aqueles referentes a homicídios. Vamos fazer concursos para ampliar o contingente da polícia civil e militar, fortalecer suas presenças no interior e INVESTIR na polícia técnica.

No trecho acima, Marcelo Déda investe em argumentos pautados na resolução de outro problema sério enfrentado pelos sergipanos: a segurança pública. Para tanto, continua a utilizar argumentos de âmbito particular, por meio dos argumentos de quantidade e de qualidade (investir, atualizar, comprar mais armas, reduzir índices de violência, ampliar o número de policiais, etc). Mostrando com isso que se preocupa com a qualidade dos serviços de segurança pública bem como a quantidade desses serviços que são disponibilizados à população.

Outra questão abordada por ele e que desperta o interesse do seu eleitorado é a Educação. Déda destaca a necessidade da melhoria do ensino, enfatizando a importância de se obter uma educação de qualidade, ressaltando mais uma vez a utilização de argumentos de qualidade. Para tanto, propõe algumas ações que devem ser cumpridas, como podemos ver nas partes sublinhadas no trecho abaixo,

Na Educação a meta é a qualidade. Nossa participação nos vários exames nacionais que aferem a qualidade do ensino tem sido abaixo do que esperávamos. Pretendemos introduzir mudanças pedagógicas e de gestão que melhorem o aprendizado dos nossos alunos e recupere o prestígio do ensino público estadual. Queremos evoluir para novos critérios, democráticos e participativos, de escolha dos dirigentes escolares. Mas, sem tornarmos a escola refém de interesses políticos

ou corporativos.

Como podemos observar, Déda continua a focar nos argumentos de qualidade, muitas vezes dependentes da quantidade, ou seja, no caso acima, para que a educação assuma um novo papel e torne-se modelo, é necessário um nível maior de investimentos nessa área.

A partir dos argumentos aqui expostos, concluímos que Déda direciona seu discurso para as problemáticas decorrentes de seu Estado, como é comum acontecer em um discurso político, afinal o que interessa aos eleitores é ouvir propostas de possíveis soluções para seus problemas. Por isso o político deve estar ciente das necessidades que englobam sua região, e é justamente o que Déda fez.

Dando continuidade a seu discurso, Déda, mais uma vez, vale-se de argumentos que visam o auditório particular, já que seu objetivo, como já dito, não é conquistar a adesão de toda a população do País, ou de sua maioria, mas sim, apenas, a do estado de Sergipe, por isso a despreocupação com argumentos de ordem universal. O uso das figuras de argumentação e retórica, que privilegiaremos abaixo, dá-se, principalmente, nessa relação com um auditório particular, visto que busca movê-lo pela emoção.

3.2 Figuras de argumentação e retórica como estratégias persuasivas

As figuras de argumentação e retórica são utilizadas e estudadas desde a Antiguidade. Na Grécia, sua importância se deu em virtude da necessidade dos gregos defenderem suas terras, convencendo um número cada vez maior de pessoas às teses expostas por eles. Foi nesse cenário que surgiu um interesse maior em se trabalhar a linguagem de maneira não só elegante, mas também persuasiva, e é nesse contexto que surge a retórica.

De acordo com Citelli (1997), a retórica nem sempre foi vista da mesma forma. Inicialmente, tinha-se a preocupação com as técnicas de argumentação que envolviam o discurso. Depois disso passou a não mais existir; o que passou a dominar foi a forte presença de elementos de embelezamento. Desse modo, foi deixado de lado seu objetivo primário. Com o passar do tempo, os estudos retóricos retornaram a seu objetivo inicial, com as

neorretóricas, a partir da segunda metade do século XX.

Nesse viés, as figuras que haviam se transformado apenas em ornamentos, voltam a ser utilizadas como estratégias persuasivas. Para Mosca (2004), a figura é pactuada como um modo específico de falar. Nessa perspectiva, Perelman e Tyteca (2005, p. 192) definem a figura como sendo uma estrutura empregada fora do seu contexto habitual e que, em vista disso, desperta a atenção do interlocutor. Desse modo, só se estará diante de uma figura quando puder dissociá-la de seu uso normal e associá-la a um novo contexto no qual sua presença seja vista como não usual.

Em virtude disso, temos que toda estrutura, a depender de seu uso, pode ser considerada uma figura. Dessa maneira, em uma estrutura que se faça presente, por exemplo, uma frase exclamativa, esta frase só poderia ser considerada uma figura fora de seu emprego habitual, isto é, fora do espanto, da hesitação (PERELMAN e TYTECA, 2005, p. 191). Ademais, as figuras que nos interessam destacar nesse trabalho são as figuras de argumentação e retórica, e isso “[...] não é pleonismo, pois existem figuras não retóricas, que são poéticas, humorísticas, ou simplesmente de palavras. A figura só é de retórica quando desempenha papel persuasivo” (REBOUL, 2004, p. 113).

Portanto, temos que a figura argumentativa se fará presente “[...] se, acarretando uma mudança de perspectiva, seu emprego parecer normal em relação à nova situação sugerida” e em consequência disso ocasionar a adesão do interlocutor (PERELMAN E TYTECA, 2005, p. 192). Não obstante, se, ao ser empregada com essa nova forma, ela não for consentida pelo ouvinte, a figura não passará de mero adereço, sendo portanto classificada como figura de *estilo* (PERELMAN E TYTECA, 2005). Nesse sentido,

vê-se, por conseguinte, que não se poderia decidir, de antemão, se uma determinada estrutura deve ser considerada ou não figura, nem se ela desempenhará o papel de figuras argumentativas ou de figura de estilo; quando muito, pode-se detectar um número de estruturas aptas a se tornarem figuras (PERELMAN E TYTECA, 2005, p. 192) .

Em outras palavras, não há como prever quais estruturas serão classificadas como figuras, uma vez que sua eficácia dependerá do efeito causado no ouvinte em virtude de seu

novo emprego. Portanto, não há a possibilidade de listar todas as estruturas que poderiam ser classificadas como figura, no máximo, algumas delas.

As figuras retóricas são utilizadas em meio aos argumentos emitidos nos discursos como forma de contribuir para a obtenção de sua eficácia. Nessa perspectiva, destacamos, dentro do discurso do Ex-governador Marcelo Déda, o uso constante de uma figura bastante trabalhada pelos políticos: a figura de presença, uma vez que seu objetivo é despertar “[...] o sentimento da *presença do objeto do discurso* na mente tanto de quem o profere quanto daquele que o lê ou ouve” (MOSCA, 2004, p. 154). Dentre as figuras de presença, constatamos a existência da mais simples e mais utilizada; a repetição, definida como a insistência do orador diante de tópicos já entendidos pelo auditório (FERREIRA, 2010). Nesse viés, a repetição se faz presente por meio de algumas figuras, entre elas, a anáfora, o polissíndeto e a sinonímia. A primeira dessas figuras se refere à repetição da mesma palavra no início da frase seguinte (FERREIRA, 2010), a segunda é caracterizada como a utilização exagerada dos conectivos de ligação, as conjunções coordenativas, e a terceira é referente à utilização de palavras sinônimas para enfatizar uma mesma ideia. Deste modo, convém ressaltar que,

(...) do ponto de vista retórico, as tradicionais figuras de linguagem deixam de ser interpretadas como mecanismos que tornam o discurso elegante ou bonito, mas exercem papel emotivo e argumentativo na medida em que impressionam e se colocam, também, como condensadores de determinados valores em torno dos quais a argumentação se estabelece (FERREIRA, 2010, p. 130).

Portanto, uma figura só terá valor argumentativo quando for empregada com esse fim. Além das figuras já citadas, temos a paráfrase que também é considerada uma figura de repetição bastante semelhante à sinonímia. Sendo que a paráfrase consiste na repetição das ideias, enquanto a sinonímia se faz através da repetição de um mesmo referente com palavras diferentes. Essas duas últimas figuras - a paráfrase e a sinonímia- são as figuras de presença mais utilizadas por Déda em seu discurso. Logo, é evidente que “[...] a repetição abarca todo um jogo linguístico e retórico que a consagra como fator de ajustamento, de precisão do sentido” (MOSCA, 2004, p. 156).

Percebemos facilmente, abaixo, nas partes sublinhadas, o emprego da paráfrase. Este é um recurso demasiadamente utilizado em discursos cujo objetivo é fazer com que o público grave na memória temas que o orador considera importantes para a obtenção da persuasão. Logo abaixo podemos confirmar a tese aqui proposta, em que o ex-governador Marcelo Déda utiliza-se de vocábulos diferentes para exprimir uma mesma ideia.

Continuo acreditando que o Governo deve ser de todos, jamais ficando refém de interesses oligárquicos; que a ética pública é um imperativo irrenunciável; que as ações governamentais devem priorizar os mais pobres; que não há crescimento legítimo sem justiça social; que o Estado de Sergipe é viável e que o seu povo tem o direito de construir uma vida melhor e dar um salto de qualidade em direção a um futuro de crescimento econômico e desenvolvimento social.

Hoje, como ontem, reafirmo as minhas credenciais de militante petista, socialista e democrata, compromissado com a luta do meu povo e incendiado pela mais nobre das ideias que já frequentaram o pensamento político da humanidade: a igualdade social. Por isso, continuarei a orientar o meu governo para as diretrizes estratégicas da inclusão social, da redução das desigualdades, da erradicação da miséria, da defesa do meio ambiente, da socialização do conhecimento e da universalização dos direitos e da cidadania.

Permanecerei afirmando o caráter laico do estado, e separando a esfera política dos dogmas religiosos e sustentando a liberdade de expressão, a liberdade religiosa e, inclusive, o direito daqueles que se afirmam ateus, agnósticos ou não seguem nenhuma religião.

Podemos perceber que Déda considera importante que seus eleitores acreditem na sua

preocupação com os problemas sociais referentes à igualdade e à justiça social, por isso ele faz questão de repetir essas ideias, que são a base ideológica do partido ao qual é filiado. Contudo, essa forma de enfatizar determinada ideia pode surtir um efeito contrário, isto é, pode não provocar a adesão do auditório, tendo em vista que, o orador, ao ficar preso a uma única ideia, corre o risco de aparentar não dispor de outras mais eficientes. Abaixo verificamos que Déda continua a utilizar a mesma estratégia de argumentação: a repetição,

O Governo que assumo neste momento, já não é o mesmo que assumi há quatro anos. Um processo complexo e difícil, mas, também, inexorável, produziu mudanças na qualidade da gestão, nas práticas administrativas e no conteúdo das políticas públicas que executa.

O Estado de Sergipe experimentou um período de transformações e mudanças, cujos resultados se espalham em todo o seu território, se fazem presente em todas as áreas da sua vida social e econômica e já podem ser aferidos e mensurados, traduzindo-se em vida nova para milhares de sergipanos.

Eis-me aqui de novo, caríssimos conterrâneos, tão igual e tão diferente. A tarefa continua a mesma, mas o campo onde vou semear já não é o mesmo. Está mais fértil, mais bem cuidado, há implementos novos a auxiliar a semeadura e adubo de boa qualidade para alimentar a semente.

Já se vê, portanto, que mudou Sergipe e com ele mudamos nós. Mudanças que podem ser percebidas nas mechas brancas que dominam os cabelos, prateando com a neve do tempo o alto da minha cabeça; mudanças que produziram no político um indiscutível amadurecimento e incorporaram no seu patrimônio uma rica

experiência, construída no difícil cotidiano de governar um estado pobre.

Salvo aqueles armados de preconceitos, ou cegos pelas paixões da política, ninguém em sã consciência pode negar os avanços obtidos pelo Governo de Sergipe nos últimos 4 anos.

Como pudemos observar nos argumentos destacados, acima, há a predominância de uma mesma ideia que é repetida ao longo do discurso, inclusive por meio de metáforas. Dessa vez, Déda enfatiza as mudanças ocorridas durante o seu governo anterior, utilizando-se de três parágrafos para isso. Tal estratégia argumentativa acaba, na maioria das vezes, tornando-se persuasiva, no entanto, não é critério para que um orador seja classificado como eficaz.

Até o momento o nosso foco esteve centrado em algumas figuras de presença encontradas no discurso de Déda, a partir desse momento, nos atentaremos a um outro tipo de figura argumentativa; a figura de escolha, também muito usada nos discursos políticos. Nessa perspectiva, Ferreira (2010) explica a figura de escolha da seguinte forma:

(...) um fato é selecionado e contextualizado. O orador, por meio da linguagem figurada (perífrase e epíteto, por exemplo), encontra uma maneira de qualificá-lo, caracterizá-lo e interpretá-lo, de acordo com seu interesse argumentativo” (FERREIRA, 2010, p 128).

Desse modo, a figura de escolha, como o próprio nome já diz, é a escolha que o orador faz entre um tema ou outro, uma estrutura ou outra ou um elemento linguístico ou outro de acordo com sua avaliação do que pode ser mais enfático e/ou persuasivo naquela situação discursiva. Para tanto, “É preciso fazer escolhas que funcionem persuasivamente, que sejam importantes e pertinentes” (FERREIRA, 2010, p. 128). Dentre as várias figuras de escolha existentes, a que nos interessará, nessa análise, será a personificação e a metáfora.

Tem-se que a metáfora “designa uma coisa com o nome de outra que tenha com ela uma relação de semelhança” (REBOUL, 2004, p. 122). Em outras palavras, a metáfora “De forma bem simples, é uma comparação “(...) que não contém os elementos comparativos (...)”

(FERREIRA, 2010, p. 131). Tal figura se configura por meio da analogia, tendo em vista que a analogia se faz presente quando o orador utiliza-se de imagens através das palavras para provocar a sensibilidade do público (FERREIRA, 2010, p. 129-130). Sendo assim, é evidente que a metáfora desempenha, no discurso político, papel persuasivo, uma vez que sua presença, como a de outras figuras de retórica, tem a intenção de reforçar a adesão do auditório. Por outro lado, e possuindo papel não menos importante, temos a personificação, que pode ser classificada como a atribuição de traços e reações físicas de pessoas a coisas.

Nesse sentido, destacamos, no trecho abaixo, a utilização da personificação, figura que é salientada com o objetivo de estabelecer maior vínculo com o público, sendo em virtude disso, caracterizada como uma figura retórica ou argumentativa. Vejamos um dos trechos nos quais constatamos sua presença.

O BANESE, vitimado por gestões temerárias, recuperou plenamente sua saúde financeira, modernizou sua performance operacional, investiu em tecnologia, ampliou de maneira extraordinária as suas operações de crédito e se transformou num exemplo de banco público e num dos mais destacados bancos comerciais do seu porte.

Logo acima, no primeiro parágrafo, percebemos que Déda atribui uma característica humana a um ser inanimado. Isso acontece quando Déda se refere ao banco do Banese como quem está se referindo a uma pessoa. Esse fato pode ser comprovado no segmento: *recuperou plenamente sua saúde*. A partir dessa expressão, referente ao Banese, percebemos que é visivelmente atribuída ao Banco uma característica própria do ser humano. Com isso está claro que Marcelo Déda utilizou-se da personificação com o intuito de obter adesão do auditório. Quanto à presença da metáfora, podemos constatar em dois trechos abaixo.

Mas, o rio em que hora mergulho já não é mais o mesmo e eu, como homem e político, carrego agora uma experiência pessoal e política que não possuía naquela solenidade outrora.

Eis-me aqui de novo, caríssimos conterrâneos, tão igual e tão diferente. A tarefa continua a mesma, mas o campo onde vou semear já não é o mesmo. Está mais fértil, mais bem cuidado, há implementos novos a auxiliar a sementeira e adubo de boa qualidade para alimentar a semente.

A metáfora pode ser, em algumas ocasiões, considerada mais difícil de ser percebida, o que não é o caso acima analisado. Para facilitar sua identificação, é necessário que o interlocutor, diante de um discurso, disponha de bastante atenção. Nesse parágrafo, a metáfora é percebida facilmente logo no início do parágrafo: *o rio em que hora mergulho já não é mais o mesmo*, e mais à frente em *o campo onde vou semear já não é o mesmo*. Ao analisar o contexto no qual essas metáforas estão inseridas, percebemos que inicialmente o orador compara a sua trajetória política a um rio em curso, que se renova constantemente, dirimindo-se de possíveis falhas na gestão anterior e tomando isso como experiência para o novo governo que se inicia. Depois, o mesmo acontece quando sua trajetória é assemelhada a um campo, que também se renova com as colheitas e plantios. Ele sugere, portanto, que com as mudanças, sua colheita será mais produtiva. Essa estratégia é utilizada com o objetivo, como dito em outro momento, de proporcionar maior ênfase nos argumentos, em virtude de estabelecer maior credibilidade junto ao auditório.

CONCLUSÃO

Partindo do pressuposto que discurso é um arranjo fundamentado na utilização de elementos linguísticos e discursivos por pessoas que desejam se comunicar através das palavras, não podendo ser definido como um mero aglomerado de frases soltas, uma vez que sua organização se faz por meio de formas estruturadas (FIORIN, 2002), e que todo discurso têm por objetivo estabelecer a adesão de um auditório a ideias a que lhe são apresentadas, pudemos observar em nosso trabalho algumas estratégias utilizadas por Marcelo Déda para persuadir seus eleitores de que fizeram a escolha certa reelegendo-o, e que ele cuidará de seus problemas.

Utilizando figuras de argumentação e retórica, para mexer com a emoção do pathos (auditório), Déda busca uma identificação com o povo, mostrando-se parte dele e ciente de suas demandas. Com isso ele firma um auditório particular, o dos sergipanos, e, ainda mais especificamente, o daqueles que o elegeram e que são adeptos de ideologias mais socialistas, já que apostaram na inclusão social, no fim da desigualdade, no estado laico.

Dentro da análise das figuras, constatamos que grande parte de seus argumentos são pautados em uma figura de presença denominada repetição, que é uma figura de retórica constantemente utilizada por políticos. Contudo, o fato de ser frequentemente utilizada em discursos dessa natureza não torna o texto obrigatoriamente persuasivo, mesmo porque como a repetição está associada à retomada de ideias já expostas, o orador pode parecer, aos olhos de seu auditório, alguém que não dispõe de novas ideias e que por isso fica preso em torno de um mesmo pensamento.

A definição do auditório particular ainda foi claramente comprovada por meio do uso dos argumentos de qualidade e quantidade, que retomaram problemas específicos do estado, mesmo que os valores envolvidos nas principais áreas discutidas possam ser universais, como na saúde e na educação. Ficou evidente que Déda, ao formular seu discurso de posse de 2011, estava ciente das necessidades do seu povo, uma vez que o discurso foi elaborado com base na carência da sociedade sergipana. Por isso, antes mesmo de propor seus objetivos, em seu discurso de posse de 2011, procurou enfatizar a evolução que alguns serviços públicos

tiveram no seu mandato anterior, dando destaque para as melhorias alcançadas nas áreas da saúde e da educação. Com relação ao futuro, continuou a destacar a necessidade de melhorias em setores essenciais para o bom desenvolvimento de um estado, como o aprimoramento da segurança pública e o combate ao desemprego.

No que se refere à base que sustenta e dá origem aos discursos, constatamos que o enunciador não pode ser definido como o “dono” do discurso que profere, visto que estamos diante de um indivíduo que não está livre das coerções sociais, uma vez que ele é o tempo todo influenciado por outros discursos já preestabelecidos na sociedade. Por isso não pode ser atribuído a esse indivíduo uma autoria isolada.

Tendo em vista que a política está no campo da controvérsia, da polêmica e, portanto, no campo da retórica, os políticos elaboram seus discursos de forma estratégica para conseguir o poder ou para se manter nele, uma vez que têm a consciência de que para conquistar seu eleitorado se faz necessário, apenas, que os argumentos, independentes de serem verdadeiros ou falsos, sejam colocados de maneira eficaz. De modo que uma mentira, a depender da forma como é contada, possa ser transformada em verdade e possa, conseqüentemente, conquistar a adesão do auditório ao qual foi direcionada. No entanto, para que o orador conquiste seu público é necessário que compartilhe das mesmas ideias que ele, isto é, é preciso que o orador conheça a cultura e as necessidades do auditório ao qual dirige seu discurso.

Finalmente, um fator importante a ser destacado é que a análise retórica não tem a intencionalidade de aferir se o texto é ou não verídico, seu objetivo é apenas mostrar como os elementos persuasivos se configuram, como esses recursos que visam o convencimento são trabalhados no discurso (FERREIRA, 2010). Portanto, neste trabalho, não tivemos a intenção de julgar se os argumentos articulados pelo ex-governador de Sergipe Marcelo Déda são ou não verdadeiros, mas, sim, como conseguem ou buscam persuadir o auditório, nesse caso, seus eleitores. A intenção também não foi esgotar todas as estratégias argumentativas presentes no discurso analisado, mas destacar como algumas delas podem ser ou não eficazes. Assim, finalizamos com a certeza de que o discurso de Marcelo Déda e o discurso político, de um modo geral, ainda têm muito a oferecer para futuras pesquisas, a fim de que possamos

cada vez mais conhecer os mecanismos que engendram os discursos e que mudam a sociedade.

REFERÊNCIAS:

ARISTÓTELES. **Retórica**. São Paulo: Folha de São Paulo, 2015.

CAETANO, Kati. Por que os políticos continuam a fazer promessas?. In: FULANETI, Oriana N.; BUENO, Alexandre M. (orgs.) **Linguagem e política: princípios teórico-discursivos**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 131- 141.

Discurso de posse, disponível em: <http://www.agencia.se.gov.br/noticias/governo/discurso-de-posse-do-governador-marcelo-déda>, acessado em 02/03/2016.

CITELLI, Adilson. **Linguagem e persuasão**. São Paulo: Ática, 1997.

EMEDIATO, Wender. Os lugares sociais do discurso e o problema da influência, da regulação e do poder nas práticas discursivas. In: LARA, Glaucia Muniz Proença; MACHADO, Ida Lucia; EMEDIATO, Wender. (organizadores.) **Análise do discurso hoje**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 71- 91.

FERREIRA, Luiz Antônio. **Leitura e persuasão: princípios de análise retórica**. São Paulo: Contexto, 2010.

FIORIN, José Luiz. Dialogismo, enunciação e argumentação. In: DI FANTI, Maria da Glória; BARBISAN, Leci B. **Enunciação e discurso - tramas de sentido**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 50- 61.

FIORIN, José Luiz. A sacralização da política. In: FULANETI, Oriana N.; BUENO, Alexandre M. (orgs.) **Linguagem e política: princípios teórico-discursivos**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 21-38.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. 7ª edição. São paulo: Editora ática, 2002.

GRÁCIO, Rui Alexandre. **Perspetivismo e argumentação**. 1ª Edição. Coimbra: Grácio Editor, 2013.

MOSCA, Lineide do Lago Salvador. **Retórica de ontem e de hoje**. 3ª ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2004.

OLIVIER, Reboul. **Introdução à retórica**; tradução Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação**: a nova retórica. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PONZIO, Augusto. **A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2008.